

Nelson Guerreiro

O CANTO  
DO IMPERADOR

(COM UM TOQUE NEW AGE)

Inspirado em *Memórias de Adriano*  
de Marguerite Yourcenar

© 2010, Nelson Guerreiro  
Revisão: Maria Antónia Oliveira  
Design: António Nêu

# 1. Prólogo

Exm<sup>os</sup> Senhores Presidentes da República  
Exm<sup>os</sup> Senhores Presidentes das Assembleias da República  
Exm<sup>os</sup> Senhores Primeiros-Ministros  
Exm<sup>as</sup> Senhoras e Exm<sup>os</sup> Senhores Ministros da Cultura e da Educação  
Exm<sup>as</sup> Senhoras e Exm<sup>os</sup> Senhores Ministros dos Negócios Estrangeiros  
Exm<sup>as</sup> Senhoras e Exm<sup>os</sup> Senhores Ministros da Economia  
Exm<sup>os</sup> Senhores Deputados  
Exm<sup>os</sup> Senhores Presidentes da Câmara  
Exm<sup>os</sup> Senhores Presidentes da Assembleia Municipal  
Exm<sup>os</sup> Senhores Deputados Municipais  
Exm<sup>os</sup> Senhores Vereadores  
Exm<sup>as</sup> Entidades Cívicas, Militares e Religiosas presentes  
Meus queridos e amados concidadãos,

“Agora, onde? Agora, quando? Agora, quem?”<sup>1</sup> Perguntas que vou deixar sem resposta, ficando estas ao vosso critério. “Porque tenho que imaginar um início para a minha estada aqui, quanto mais não seja para facilitar a minha narração.”<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Samuel Beckett, *O Inominável*, trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, p. 8.

<sup>2</sup> *Idem*, pp.13-14.

## 2. Por quem os sinos dobram

Há um significado especial neste dia que destaca a memória como espaço de resistência e seiva da cidadania.

Este dia de celebração, precisamente dezoito séculos depois daquela tarde, incluo-o na categoria de acontecimentos que faz retornar a política à sua dimensão essencial: a de um gesto inaugural que, contra todos os cálculos imediatos, reivindica a urgência de uma atitude de cidadania.

Sou um dos que governaram o mundo numa época em que já se sonhava com a paz e com o fim dos regimes repressivos e produtores da infelicidade humana.

Assisti, por muitas vezes, a discursos falaciosos, prenhes de uma retórica atractiva, que prometiam a dignidade individual e a igualdade de direitos entre e perante todos.

Fui cúmplice, por obrigação, de governos que, com tanto prazer e gáudio, saquearam, destruíram, humilharam, não só os povos vizinhos, mas também o seu próprio povo, em nome de uma política de conquistas cega, obsoleta e feroz.

Acompanhei o enriquecimento de um mundo que já nessa altura evoluía economicamente à custa dos mais fracos e dos mais impotentes.

Observei com os meus próprios olhos a injustiça dos tiranos e senti na minha própria pele esse arrepio de repugnância por pertencer a uma espécie animal tão perversa e doentia que já usava a sua inteligência para denegrir e arruinar o outro em prol dos seus interesses pessoais e materiais.

Quando cresci quis, envolto pela memória de todos estes males e catapultado pelos acontecimentos benéficos daquela tarde que hoje celebramos, mudar a lógica do mundo.

Hoje, olhando para este presente que não vivi, vejo que, apesar dos óbvios progressos, aquela antiga lógica

de conquista permanece, esquecendo que qualquer novo acréscimo, mais tarde ou mais cedo, se transformará num cancro ou numa hidropisia que acabará por causar o infortúnio dos inocentes.

Para além disso, é bom não esquecer que até agora todos os povos decaíram por falta de generosidade.

Os governos continuam a prometer igualdade sem a poder cumprir. Vigora a subserviência a modelos injustos e desumanos, imposta por políticas de sacrifício e através do medo. Tal como há dezoito séculos atrás, o poder continua a ser exercido por aqueles que mais desprezitam os princípios-base da cidadania e do bem comum.

Tomando estas considerações como *introitus* à celebração de hoje, quero relembrar, ainda, a mensagem viva de esperança no amor como sentimento encantador por excelência e como alavanca de uma participação activa que atribui à prática política um especial suplemento de exigência.

Esta celebração é um acontecimento-efeméride. Nela reafirmo a minha vontade de perseguir um sonho que é de todos nós. Eu diria mesmo que é universal. Um sonho que celebra a vida e a morte. Um sonho que enaltece o Homem. Um sonho de esperança, virtude e graça. Um sonho que é crença. Um sonho que é poesia. Um sonho que é arte.

Quero contar-vos a minha experiência, não como político, mas como homem político que se tornou, perante a revelação daquela tarde, ainda mais homem e mais político.

Uma parte de cada vida, e mesmo de cada vida muito pouco digna de ser notada, passa-se à procura das razões de existir, dos pontos de partida, das origens. Foi a minha impotência para os descobrir que me fez por vezes inclinar para as explicações mágicas, procurar nos delírios do oculto o que o senso comum me não dava. Quando todos os cálculos complicados se revelam falsos, quando os próprios filósofos não têm nada mais a dizer-nos, é desculpável que nos

voltemos para a chilreada fortuita dos pássaros ou para o longínquo contrapeso dos astros.<sup>3</sup>

Por isso, este é um testemunho que não se pode, não se deve, não posso, não devo, deixar de partilhar, porque quando uma história é extraordinária não podemos pensar que não vale a pena partilhá-la. Defendo que se deve celebrar a vida e criticar o que a diminui e empequenece. Há que buscar a verdade e dizer as coisas como as vemos, ainda que essa visão seja errónea e para muitos esta-pafúrdia. Espero, por isso, que compreendam as minhas razões para vos querer falar. “Estas coisas que digo, que vou dizer, se puder, já não são, ou ainda não são, ou nunca foram, ou nunca serão ou, se foram, se são, se forem, não foram aqui, não são aqui, não serão aqui, mas noutro lugar qualquer. Mas eu estou aqui. (...) Este que eu sou [o actor] este que aqui está [o Imperador], que não pode falar e que tem de falar.”<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Marguerite Yourcenar, *Memórias de Adriano*, trad. Maria Lamas, 17ª edição, Lisboa, Publicações Europa-América, 2008, pp. 27-28.

<sup>4</sup> Samuel Beckett, *op. cit.*, p. 22.

### 3. O princípio de uma nova era – – os princípios justificam os fins

A última década de exercício do poder político no mundo correspondeu a um ciclo que se aproxima inexoravelmente do momento da sua avaliação definitiva. Por motivos vários, estamos no final de um ciclo político: as lideranças estabelecidas confrontam-se com o horizonte mais ou menos próximo do seu *terminus*. Há um momento na vida em que tudo passa a ter mais passado do que futuro. Acontece com os seres humanos, com as instituições, com as lideranças, com os projectos e com os programas. Aproxima-se um virar de página. Aliás, já estamos num virar de página. Resta apenas saber quando é que ele será oficialmente proclamado. Pode ser que seja hoje. Por isso, peço a vossa máxima atenção.

Aproxima-se o período em que este território passará a ser um contributo líquido para a paz, a união dos povos e a vitória indubitável do amor e não é preciso ser profeta nem sequer demasiado perspicaz para saber o impacto que isto produzirá nas nossas vidas. Já imaginaram um futuro cheio de amor? Viver num mundo em que a partir da vivência do amor se produz a verdade, numa celebração tornada possível por um encontro singular? Que se pode querer mais?

*All You Need Is Love. One. Like a Virgin. Come Together. Heroes. We Are the Champions. I Love You, Porgy. We Are the World. Oum Chanti Oum. Computer Love. Foolish Things. Some Velvet Morning. La Nostra Feroce Volontà d'Amore. Love Will Tear Us Apart. Save a Prayer. Estrela da Tarde. Summertime. Telepatia. Moriró d'Amore. Time of My Life. In Every Dream Home a Heartache. Sexual Sportswear. Toxic. Sunday Morning. Didn't Want to Have to Do It. What is Love (Baby Don't Hurt Me).*

Por isso, não posso deixar de vos interrogar: quererão hipotecar o vosso futuro em prol da obediência a um

modelo de desenvolvimento que se sujeita a eliminar os pilares da coesão social: a experiência da sublimação do amor, o respeito pela liberdade individual que permite o sentimento de colectividade, a preponderância das noções de evolução, união e consciência? A evolução, isto é, a nossa perspectiva de futuro, é o crescimento continuado.

Precisamos da abertura ao Outro para assegurar a nossa implicação no presente e enfrentar de mãos dadas o nosso destino colectivo. Ninguém pode ficar de fora. Isto significa não só ultrapassar as nossas limitações físicas e espaciais voando até Marte, integrar as diferenças especiais dos seres humanos no nosso território, bater recordes olímpicos, andar sobre a água, enraizar os nossos hábitos culturais ou prolongar o tempo de vida, mas também atingir o esclarecimento emocional e a expansão espiritual.

Isto pode parecer *New Age*, e isso pode, como já foi, ser suficiente para impedir este compromisso.

Não se pode duvidar de que a união é o sentido de estarmos todos juntos nisto, não apenas como pessoas que tentam evitar que o planeta morra antes dos nossos netos, se os possibilitarmos na vivência das nossas ligações, ou de os futuros habitantes o herdarem, mas com a noção de que estamos interligados e que, de facto, fazemos parte de uma só consciência universal.

Eu bem sei que hoje os sinais exteriores vos incitam a lutar cada um pela sua felicidade(zinha), mas é contra essa fatalidade imposta e inautêntica que temos de nos sublevar, cumprindo a mais elevada realização do humano: não aceitar aquilo que não adquirimos, eliminando o risco de asfixiamento de um futuro radioso, cuja riqueza é precisamente a sua diversidade, o seu pluralismo e a sua vocação cívica.

Será que a indiferença perante figuras de mérito e competência cultural (literária, teatral, musical, por exemplo) se justifica pela discordância ou pela diferença de estilos ou de ideologias? Não. É uma questão ética. Um imperativo deontológico definido pela consciência. A

consciência é a percepção inclusiva do todo, o reconhecimento da nossa interligação e a capacidade de experienciar a ética por momentos ou, desejavelmente, por períodos prolongados. São estes o valor acrescentado para uma revitalização e uma óbvia exigência de mudança das nossas sociedades.

É preferível que estejamos preparados para a mudança do que ela se nos imponha. Estar preparado para a mudança, aceitar que todo o mundo é composto dessa mesma mudança, como dizia o poeta, é uma das mensagens mais pujantes que aquela tarde me deixou. Eu estou mais do que nunca preparado para esta inevitável mudança.

Desafio e apelo a todos os agentes políticos, económicos, sociais, culturais e espirituais para que a interiorizem, não num sentido estritamente político-eleitoral ou auto-promocional, mas como mote para nos levar a, no respeito das nossas diferenças, discutir e preparar essa mudança num debate sério com a sociedade civil.

A crise deve ser, na maior parte das vezes, um tempo de oportunidade, mas apenas para os mais ousados e mais competentes. A responsabilidade à qual todos somos chamados neste momento de mudança de ciclo é enorme. Estejamos à altura, é o que desejo. Eu – asseguro-vos – irei estar com toda a certeza!

Sou desde há pouco tempo um embarcado, envolvido numa busca eterna, que muitas vezes me parece infrutífera. Apesar disso, implico-me na dedicação a um amor vital, respirante, intenso e capaz das maiores proezas que jamais imaginei alcançar. Mas atenção, embarco e movo-me sem subestimar a ideia de que o passado é algo que nunca deixa de passar. Cada vez estou mais convicto de que o passado é uma força ávida que está em plena actividade e alcança o presente, colonizando-o, e cobiça o futuro e vai atrás dele. Impiedosamente. E isso não é mau, se não nos deixarmos apanhar pelo seu ilusionismo castrador e inoperante.

Partilharei os meus mundos sentimentais. Falar-vos-ei

da possibilidade de um amor de longa-duração, de um compromisso encarniçado, de uma lealdade inumana, de monumentalidade. Um desafio de toda uma existência. Ainda há quem encare o amor como uma derrocada lúgubre, de dimensões anacrónicas, mas todos nós sabemos que não há nada mais anacrónico que aquilo que nos detém e arrebatava. Ser contemporâneo, apesar da deriva crente no alcance de algo que ainda não sabemos de que se trata, é continuar a querer ser atordoado por imagens que nós até imaginávamos mas que alguém fez antes de nós.

É por isso que vos quero falar de uma absorção total. De uma concentração inaudita. De um êxtase impossível de ser forçado. De uma auto-abdicação do mundo para voltar a estar activo nele. Falo-vos de um amor tão sofisticado e conceptual que produz efeitos físicos, na intimidade, e exteriores, na *res publica*.

Falo-vos de amor. Simplesmente. Do verdadeiro amor que mudou o rumo da minha e da vossa História (história com H grande).

Celebremos, pois, a apoteose de um amor absoluto e futurológico num mundo em que a face trivial e desencantada do amor parece ter triunfado. Preconizam-se ligações ultra-rápidas, cambiantes e levianas, não moralmente, mas que, à semelhança do que defendia Lucrécio, se dedicam a uma entrega desenfreada aos actos sexuais, para assim escapar aos perigos de uma paixão única. Ou seja, os fins não justificam os princípios, na maior parte dos casos por medo, desperdiçando-se assim oportunidades de sentir a plenitude dos afectos, nem que seja pela forma como não conseguimos definir o que se está a passar, neste mundo onde a dor existe ainda, mas o erro já não.

Se eu acreditasse nisso e o aplicasse à minha vida privada e pública, não estaria aqui para vos dizer que todos os obstáculos que se me defrontaram na vivência de um amor em simultâneo com o exercício do poder têm algo de arcaico, fossilizado – o sentimentalismo político, o culto da proximidade, o sofrimento e a dor, a épica das

vidas duplas, a manipulação. Mas sendo fósseis vigentes, eficazes e hiperactivos, eu combato-os todos os dias, vendo o amor, à semelhança de Platão que o considerava uma deleitosa exaltação e um simulacro de imortalidade, como um ponto de fuga para a eternidade.

Por isso, falo-vos com a minha boca ligada ao meu coração fulgurante, segundo uma perspectiva orientada para a experiência do arrebatamento. Algo supostamente inconciliável com a acção determinada pela combinação contemplativa, activa e agitadora das essências racionais e das palpitações emocionais. Digo-vos que sou a prova viva de que é possível, assim como desejável, fazer do amor a nossa História (história com H grande ou com h pequeno, a opção é vossa).

Quem ousaria dizer: eu não creio nele? Quem ousaria sentir e arriscar-se a afirmar: nele não creio? Aquele que em si tudo contém e tudo anima, não contém afinal, e não anima, a ti, a mim, e a si mesmo? Não vês por cima de nós, curvar-se a abóbada celeste? Não temos a terra aqui sob os nossos pés e não se elevam os astros eternos, lançando-nos amoroso olhar? Não vêem os meus olhos os teus? Não vês como tudo impele para ti a minha mente e o meu coração? E esse impulso não é, visível ou invisível, um eterno mistério? Deixa-o, grande como é, penetrar-te a alma, e se de tal sentimento te vier a felicidade, dá-lhe o nome que te aprouver – felicidade! coração! amor! Deus! Eu é que não tenho nome para lhe dar. O sentimento é tudo, o nome não passa de som e fumo que nos vela a luz dos céus.<sup>5</sup>

Emprego o que tenho de inteligência para ver de longe e de mais alto a minha vida, que se torna então a vida de um outro.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Goethe, *Fausto*, trad. de Luiza Neto Jorge a partir da versão francesa de Nerval, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, p. 166.

<sup>6</sup> Marguerite Yourcenar, *op. cit.*, p. 26.

## 4. Se numa tarde de verão um jardineiro... há dezoito séculos atrás

Naquele dia, tinha acordado com uma visão que se eclipsara, mas que me deixara estampado no rosto um sorriso rasgado que abrira a minha boca para deixar cair a saliva dos seus cantos, quais gotas de orvalho.

Tinha tido um sonho que me deixara desperto, para não dizer encharcado. Desta vez não. Desta vez, ao contrário de outras actividades oníricas, eu sabia que ia acontecer. E aconteceu.

As circunstâncias em que o vi pela primeira vez naquela tarde adivinhavam-me um futuro promissor, qual presságio expressionista. Agora não estou a poetizar. Foi mesmo assim. Naquela tarde lia-se uma peça bastante abstrusa de Lycophron, de quem eu gosto muito por causa das suas loucas justaposições de sons, de alusões e de imagens, do seu complexo sistema de reflexos e de ecos. O meu espírito estava receptivo. O meu coração aberto. O meu corpo disponível.

Começara a leitura. Os meus olhos circulavam pela paisagem e eis que avisto um jovem colocado à parte que escutava aquelas estrofes difíceis com uma atenção ao mesmo tempo distraída e pensativa. Eu detive-me imediatamente nele. Ao princípio, parecia-me um pastor bucólico no fundo da floresta, vagamente sensível a qualquer obscuro grito de uma ave de rapina. Sentado na borda de um tanque que se encontrava perto, tocava com os dedos a sua superfície lisa. Se fosse hoje, poder-se-ia chamar a isto amor à primeira vista.

Aproximei-me dele, para surpresa de todos. Estava fígado. E aproximando-me, dei um último passo descontrolado que me colou a ele. Da minha boca nada saiu. Todo o meu corpo tremia. Sorri e perscrutei-o. Da sua boca divina projectaram-se as seguintes palavras: *Sim?... Estarei aqui*

*bem? Retorqui: Não podias estar melhor.*

Subitamente perturbou-se e recai num daqueles silêncios obstinados a que não tardei a habituar-me. Esboçou-me uma intimidade. Dei-lhe guarida e nunca mais nos largámos.

Após esta primeira contra-cena, recolhemo-nos à vista de todos para um local mais incógnito. De mãos dadas levou-me para debaixo da minha alfarrobeira. Não houve troca de palavras, antes a ocorrência de puro magnetismo. E foi aí que as suas mãos ainda cheias de terra iniciaram a sua viagem pelo meu corpo, até então desconhecido na sua potência erótica máxima.

Debaixo de uma chuva de terra, com os olhos fechados ou semi-cerrados, cuja fotografia revelaria o êxtase iniciático, deixei que ele podasse o meu desejo de o ter na sombra carregada da árvore predilecta do meu jardim. Desde então chamei a esse portento da natureza o meu *Mahboub*<sup>7</sup> das duas mil e uma noites. Nunca tinha sentido umas mãos assim. O meu corpo denunciava com vigor essa novidade extraordinária. Senti a sua língua fresca no meu colo. Os sulcos guturais da sua boca conservavam pedaços de fruta e de vegetais crus, ainda refrigerados, que ele tinha comido no seu lanche diário. Prazer máximo. Não há mais palavras para descrever esta cena. Gemia como uma loba sem fome. Era tão delicado. Doce. Lento. Quase feminino. Os seus movimentos eram eternos. Mas o meu desejo tornou-se emergente. Interrompi-o e devolvi-lhe o prazer que me tinha proporcionado. O seu caralho era imperial, ou pelo menos era digno de um imperador. Quis tirar-me a respiração. Convulsei, mas foi bom. Abriu caminho. Queria mais e para sempre. Eu fitava os seus olhos mas eles estavam fechados. E naquele momento perguntei-me: *o que estará ele a pensar?* Não me importei muito com a resposta interruptora e continuei para a frente e para trás. As veias dilatavam-se. A sua pulsação chegava-me à boca. Era bom. Muito bom. *Come shot.*

<sup>7</sup> Um dos muitos termos árabo-islâmicos que designam o homem amado; no feminino, *Mahboub*a.

Nas primeiras noites não dormimos para não descansarmos um do outro. Não pregámos olho para não sonharmos nem fazermos nada em consequência desse sonho.

Nunca gostei de ver dormir aqueles que amava; que descansavam de mim, bem sei; mas escapavam-me também. E todos os homens se envergonham do seu rosto alterado pelo sono. Quantas vezes, tendo-me levantado muito cedo para estudar ou ler, compus eu próprio as almofadas amarrotadas, os cobertores em desordem, evidências quase obscenas dos nossos encontros com o nada, provas de que em cada noite deixamos de existir.<sup>8</sup>

A partir daquela tarde, deixei de conseguir responder às perguntas: *o que vai ser de mim? O que vou fazer amanhã?* Tudo isso deixei de dominar, porque tudo isso de repente já não era eu que controlava. O meu corpo já não respondia só por mim, pertencia ao vento. Converti-me numa corrente de ar.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 23.

## 5. *One life stand*: título de uma carta de amor nunca escrita

Eu, Adriano:

- que em tempos fui homem altivo;
- que fui também um ignóbil complacente;
- um homenzinho ainda jovem que resolvia de alto todas as questões com uma segurança ridícula;
- o belo conversador frívolo, capaz de sacrificar o amigo a um bom dito;
- o soldado que cumpre com uma precisão maquinal as suas baixas tarefas de gladiador;
- que fui também essa personagem desocupada, sem nome, sem lugar na História, um simples brinquedo das coisas;
- um recém-chegado entrado em funções, um director de grupo, um encenador;
- um ambicioso sem muita convicção.

Eu que, ao encontrar-te, não fiz mais que distanciar-me de todas estas personagens, para poder amar-te, e com a ilusão desse amor que sempre quis eterno, formular os mais belos e justos projectos para um mundo que já adivinhava a ruína.

Meu encanto da vida, fizeste-me ver o que tardava ver para me sentir um verdadeiro imperador. Não há poder sem amor. Sei através de ti que nenhum homem ou mulher consegue governar se não orientar os seus actos e as suas decisões pelo amor. Mas o amor grande, aquele que te reduz à tua essência de Homem (homem com H grande). Aquele nobre amor que reclama a nobreza de ser. De existir. Aquele que se prolonga a todos os outros homens, mesmo aos néscios e aos desprezíveis, e que te cria a ilusão de que eles possam corresponder a essa mesma nobreza que te reinventou. Graças a ti,

pensei várias vezes em elaborar um sistema de conhecimento humano baseado no erótico, uma

teoria do contacto, em que o mistério e a dignidade de outrem consistiria precisamente em oferecer ao EU esse ponto de apoio de um outro mundo. A voluptuosidade seria, nessa filosofia, uma forma mais completa, mas também mais especializada, dessa aproximação do Outro, mais uma técnica posta ao serviço do conhecimento daquilo que não somos nós.<sup>9</sup>

Quero-te para sempre e é tudo. Há nos meus sonhos um homem chamado: Tu Existes. *Il y a dans mes rêves un homme qui s'appelle: Tu Existes. Nei miei sogni c'è un uomo che si chiama: Tu Esisti. In my dreams there is a man named: You Exist.*

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 19.

## 6. Sono quase perfeito: amor e arte

Sobre isto podem vir todas as ficções, pois elas respondem aos meus anseios de celebração. É sabido que um ser embriagado de amor e de vida não prevê a morte: ela não existe. Ele nega-a em cada um dos seus gestos. Se a recebe é provavelmente sem saber, ela não é para ele mais do que um choque ou um espasmo. Todas as razões podem ser as causas do fim do amor, menos a morte.

Por isso, transformei-me. O romance é um acontecimento que transforma a poeira da vida quotidiana numa névoa de ouro. A paisagem dos meus dias compôs-se, como as regiões montanhosas que nos circundam, de belos materiais diversos acumulados desordenadamente que manuseei com fervor para criar o mais justo quotidiano humano e social, para que cada um de nós se sentisse livre e com vontade de viver os seus dias, construindo a sua rotina dando e recebendo amor.

A tradição popular não se enganou ao ver sempre no amor uma forma de iniciação, um dos pontos em que o secreto e o sagrado se encontram. A experiência sensual compara-se ainda aos Mistérios, na medida em que a primeira aproximação dá ao não iniciado a impressão de um rito mais ou menos assustador, escandalosamente afastado das funções familiares de dormir, de beber e de comer, motivo de brincadeira, de vergonha ou de terror.<sup>10</sup>

Acordar, comer, viajar, adormecer e dormir com o amor é uma dádiva. É o máximo. É fantástico. É maravilhoso. É sublime. É baboso. É super-romântico. É super-aditivo. É hiper-sensível. É triunfal.

De todas estas actividades, aquela que eu prefiro é

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 18.

dormir. Eu acredito na força regeneradora do sono. Sei que o sono mais perfeito está quase forçosamente ligado ao amor. Sempre gostei de dormir acompanhado, num repouso meditado e reflectido nos dois corpos. Que imagem arrebatadora, assim como o mistério específico do sono, saboreado por si mesmo.

Dediquei-me a isso, eu bem sabia que me haveria de acontecer: esse inevitável mergulho a que se aventura todas as noites o homem nu, sozinho e desarmado, num oceano onde tudo muda: as cores, as densidades, o próprio ritmo da respiração. É onde encontramos os mortos.

O que me tranquiliza do sono é que se sai dele. Quando durmo ao lado de quem quero ficar para sempre, espero sair sem qualquer mudança, já que uma extravagante interdição nos impede de recuperar e de trazer connosco o resíduo exacto dos nossos sonhos.

O que me tranquiliza também é que ele cura a fadiga, mas temporariamente, pelo mais radical dos processos, arranjando as coisas de maneira a deixarmos de existir. Nisso, como noutras coisas, o sexo, o prazer e a arte, consistem em nos abandonarmos a esta bem-aventurada consciência, e em ser subtilmente mais fracos, mais pesados, mais leves e mais confusos que nós mesmos. Porque é nestas encruzilhadas tão humanas que o Homem (homem com H grande) se descobre.

Foi precisamente numa manhã depois de acordar de um desses sonhos tão recorrentes no esplendor do nosso romance, que, numa das últimas viagens pelo Egipto, o meu rapaz se entregou para sempre às águas do Nilo, levando-se a ele, a mim e a todo o Império em direcção à morte.

É sabido que entre a fantasia e o sonho há uma distância que abarca ou que altera a realidade dos factos. Essa distância é, muitas vezes, uma artimanha do instinto sexual. E eu ralado! *Antínoo estava morto*, disse quatro vezes para me certificar de que daquele sono ele não iria mais acordar, de que daquele nada ele não iria mais voltar.

Disse quatro vezes que o meu rapaz estava morto como se o chamasse de volta à vida. Estava surdo. Certifiquei-me de que eu próprio estaria privado, a partir daquela manhã, de reencontrar o conforto desse sono fantástico onde tudo pode acontecer, mesmo a mais temível atrocidade, sem que ela tenha qualquer influência decisiva ao acordar.

A partir da ocorrência da morte do meu Antínoo, as minhas expressões faciais tornaram-se monótonas, geralmente fechadas. Essa descaracterização projectava uma imagem difusa e muito distante do que eu era. Estive quase a morrer por amor.

Queria esquecer-me do significado da palavra melancolia, uma palavra muito bela é certo, mas uma palavra pela qual só quis perpassar naqueles momentos em que ele estava prestes a chegar. Era, nessas esperas sempre esperançosas, um melancólico sonhador de deuses, qual premonição, um amante disposto a tudo por um instante de vertigem. Amei-o tanto... até me vêm as lágrimas aos olhos. Desculpem...

Como é que alguém se mata no auge do seu esplendor físico e sobretudo no pico da sua felicidade? Como é que alguém se mata acreditando que esse sacrifício possibilitaria o cumprimento do amor?

A sua morte, tal como ele mo quis dizer nesse acto eliminante, não poderia ser inutilmente aproveitada. A sua hora e o dia do seu fim haviam de lavrar um futuro a que eu jamais imaginei dedicar-me. O meu jovem jardineiro tornara-se, a partir do dia do seu desaparecimento, o meu jovem príncipe.

Após o doloroso luto, do qual fizeram parte insónias, jejuns prolongados e delírios motivados por alucinações, reergui-me dessa difícil travessia a que chamei pesadelo e, mais acordado que nunca, decidi ocupar os meus últimos dias a imortalizar o nosso amor como o ponto de fuga para a eternidade. Decidi tornar esse amor inesquecível, paradigmático. Um rasto profundo e prolongado do meu império.

A arte afigurou-se-me como uma via para celebrar em vida o amor, evocando a sua morte. Revendo-me agora iluminado pelo poder do amor – esse inquietante mistério – estava certo de que a sua descoberta era tão deliciosa como a da arte e a da poesia. Encontrei na arte o campo ideal para realizar esta dedicatória tão desejada. Por ele, e através dela, iria conseguir finalmente responder à pergunta: *o que já fiz por amor?*

Abdicando de viver a realidade através do realismo, resgatei no fundo de mim forças para levar avante um projecto único que iria deixar, para os meus contemporâneos e para as próximas gerações, o gérmen da importância do amor para a paz e transmitir a grandeza deste amor, já que iria intitulá-lo deus.

Os ritos do sacrifício que ele escolhera para enquadrar a sua morte mostraram-me o caminho a seguir. A partir desse dia, senti-me responsável pela beleza do mundo. Ritualizei-lhe um culto. Numa das minhas últimas oferendas aos mortos da História (história com H grande), construí e dediquei-lhe uma nova cidade imperial, qual homenagem afinçada, mas querendo envolver todos em todas as vantagens do ganho, do saber e do prazer. Edifiquei templos em sua honra. Chamei os melhores escultores. Disse-lhes que tinham trabalho para toda a vida: esculpir a imagem dele em estátuas. Converti-a em símbolo maior de uma época. Apropriei-me do seu sacrifício como um marco para representar a ideologia do amor. Em suma, queria fazer dele a maior, a mais bela e harmoniosa entidade divina da História (História com H grande). Olhando para trás, e presunções à parte, vejo que ainda está para ser inventado aquele deus que o arrebatará no seu esplendor.

Foi isto o que fiz por amor.

Fui e sou tão contemporâneo!

## 7. O legado de Adriano: RESPECT!

Não desprezo os homens. Se o fizesse, não teria direito algum, nem razão alguma para tentar governá-los. Sei que são vãos, ignorantes, ávidos, inquietos, capazes de quase tudo para triunfar, para se fazer valer, mesmo aos seus próprios olhos, ou simplesmente para evitar o sofrimento. Sei muito bem: sou como eles, pelo menos momentaneamente, ou poderia tê-lo sido.<sup>11</sup>

Amo cada homem que represento e nunca mais me deixei guiar por critérios de liderança devedores de uma força autoritária que me incumbe por decreto. Apesar do risco de incompreensão e de sublevação, o meu heroísmo consistirá em me manter nesse estado de encantamento toda a minha vida.

Agora tenho uma missão: de passado e presente homem de Estado, quero transformar-me no futuro homem da Humanidade toda, pelo qual este Império jamais será esquecido.

Cumprindo esse programa, a fim de provocar o bem-estar das comunidades, quero que:

- as cidades sejam esplêndidas, arejadas, regadas por águas claras, povoadas por seres humanos cujo corpo não esteja deteriorado pelas marcas da miséria ou da servidão nem pela vaidade de uma riqueza grosseira;

- os escolares declamem com voz justa lições que não sejam ineptas;

- os movimentos dos homens e das mulheres no lar tenham uma espécie de dignidade maternal de tranquilidade poderosa ou energia paternal de inspiração futurista;

- os ginásios sejam frequentados por jovens que não ignorem os jogos nem as artes;

- os pomares produzam os mais belos frutos e os campos

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 24.

as mais abundantes colheitas.

Queria ainda que:

- a imensa majestade da paz se estendesse a todos, insensível e presente como uma música do céu em marcha;

- o mais humilde viajante pudesse vaguear através de um território, de um continente a outro, sem formalidades vexatórias, sem perigos, na certeza de encontrar em toda a parte um mínimo de legalidade e de cultura;

- os nossos soldados continuassem em missões de paz e nas fronteiras sensíveis a sua eterna pírrica;

- tudo funcionasse sem dificuldades – as oficinas e os templos;

- o mar fosse sulcado por belos navios e as estradas percorridas por frequentes bólides movidos a electricidade;

- num mundo bem em ordem, os filósofos tivessem o seu lugar, os críticos o deles, os actores, os bailarinos, os músicos, os poetas e afins os seus, e os dançarinos da vida também.

Este ideal, modesto, em suma, seria muitas vezes quase atingido se os homens pusessem ao seu serviço uma parte da energia que despendem em trabalhos estúpidos, indigentes, fúteis ou ferozes. Foram aquelas circunstâncias felizes que me permitiram realizar esse ideal parcialmente, durante aqueles últimos anos.

Toda a felicidade é uma obra-prima: o menor erro falseia-a, a menor hesitação altera-a, a menor deselegância desfeia-a, a menor estupidez embrutecete-a. Eu quis experimentar e representar a beleza e a sua vocação de dotar a existência de um sentido combatente da fatalidade e da miséria humana perante a perda.<sup>12</sup>

Apesar de julgar ainda que teria sido possível a um homem mais hábil do que eu ser mais feliz até à morte, eu não desisti de o tentar. E fui, sou feliz e ainda não morri.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 129.

## 8. Tempo extra: a minha viagem pela História (história com H grande)

Teria sido uma pessoa diferente se tivesse ouvido esta frase: “O homem que busca a fama, a riqueza e casos amorosos é como uma criança que lambe o mel na lâmina de uma faca. É como um tolo que carrega uma tocha contra um vento forte; corre o risco de ter o rosto e as mãos queimadas.” (Buda) Eu gostava de ter vivido num tempo em que tivesse conhecido um herói que disse: “O segredo de uma revolução é o amor que se tem por ela.” (Che Guevara) Já não gostava de ter vivido numa época em que alguém tivesse escrito: “A revolução, as férias da vida.” (André Malraux) Eu amava ter vivido num tempo em que alguém me tivesse dito: “Hoje, a verdadeira luxúria é ter quinze minutos de anonimato.” (Sophie Fontanel) Teria sido muito feliz se em vida tivesse lido estas palavras sobre mim: “Acontece-me pensar que os grandes homens se caracterizam justamente pela sua posição extrema; o seu heroísmo consiste em se manterem nela toda a vida.” (Marguerite Yourcenar) Adoraria ter vivido num tempo em que pudesse ler num livro a seguinte frase: “Tranquilize-se aquele que deseja ter vivido enquanto vivia que a vida lhe ensinará como isso se faz.” (Samuel Beckett)